

RESENHA

LOYAT, Jacques – *Agricultures du monde. Les questions qui font peur. Les solutions pour agir durablement*. Paris: Editions France Agricole, 2013, 215 p.

*Maria Helena Rocha Antuniassi**

AGRICULTURA DO MUNDO. AS QUESTÕES QUE DÃO MEDO. AS SOLUÇÕES PARA
AGIR ECOLOGICAMENTE

Partindo da noção da diversidade das agriculturas como um fenômeno inerente ao setor, tendo em vista a heterogeneidade dos recursos dos ecossistemas água, terra, clima e condições socioeconômicas e históricas, o autor tem como objetivo mostrar como a agricultura na sua diversidade, pode ser um motor do desenvolvimento sustentável e para tanto, apresenta uma série de dados da agricultura francesa e do mundo, para discutir alguns conceitos e elementos da metodologia para chegar lá.

O LIVRO SE DIVIDE EM CINCO PARTES, CUJOS TÍTULOS REVELAM O SEU CONTEÚDO.

Na primeira parte, “*O desenvolvimento em questão*” em cinco itens, o autor analisa uma série de questões fundamentais para se entender o que significa o desenvolvimento sustentável. Inicia por uma retrospectiva da noção de desenvolvimento desde o surgimento do termo em 1949, no discurso do presidente Truman, para discutir a insustentabilidade das ações de desenvolvimento reduzidas ao crescimento econômico para apreender o fenômeno nas suas três dimensões: durabilidade ecológica, viabilidade econômica e equidade social e conclui por importantes considerações sobre o desenvolvimento rural e o desafio que essa questão coloca.

Levando em conta os desafios que a questão acima citada coloca, discute os objetivos e metodologia do IAASTD – I International Assessment of Agricultural Science and Technology for Development. Mostra como a citada instituição, a partir de uma série de constatações sobre: as desigualdades sociais, evolução dos preços dos alimentos e da energia, discute as

* Doutora em Sociologia pela Universidade de São Paulo. Pesquisadora do NAP Centro de Estudos Rurais e Urbanos – NAP-CERU/USP. E-mail: mhrocha@uol.com.br.

incertezas da produção sustentável e o acesso à alimentação e faz várias recomendações específicas por regiões: América do Norte e Europa, África subsahariana, América Latina e Caribe, Ásia e Pacífico a partir das quais, lança um apelo para a formulação de novas políticas públicas.

Ainda nessa primeira parte, torna-se necessário ressaltar, a análise do relatório do Banco Mundial sobre o desenvolvimento no mundo, sobretudo aquele de 2008, em que constata que os países em desenvolvimento assim como os financiadores negligenciaram a agricultura como motor do desenvolvimento e as consequências para as regiões acima citadas.

Na segunda parte “*Para colocar em causa o modelo econômico dominante*” o autor comenta várias questões sobre a agricultura enquanto problema comercial e político que envolvem a heterogeneidade dos fatores de produção e diversidade dos agricultores assim como as estruturas e dinâmicas internacionais do setor agroalimentar.

Na terceira parte é discutida “*A viabilidade dos sistemas adaptativos complexos*” sobretudo a agroecologia, como uma garantia de viabilidade, tendo em vista que a agricultura industrial responde por vários problemas ambientais como poluição das águas e solos, desaparecimento acelerado da biodiversidade animal e vegetal e contribui ainda para o desaparecimento das explorações camponesas e seus conhecimentos tradicionais, tendo em vista os já discutidos problemas econômicos e sociais que acompanham tal desaparecimento.

Na quarta parte, o autor faz uma análise do estado atual dos recursos disponíveis em “*terra, água e biodiversidade*”. Através de considerações sobre os agrossistemas, a questão fundiária, a relação agricultura e biodiversidade, discute o papel do Estado para um desenvolvimento adaptativo e regulado tendo em vista a articulação do desenvolvimento global e local.

Concluindo, na quinta parte “*Agricultura para o desenvolvimento*” o autor retoma dados e análises anteriores, para propor a agricultura como um motor do desenvolvimento tendo em vista a sua capacidade de acelerar o crescimento da economia, reduzir a pobreza e as desigualdades com o setor urbano industrial e fornecer um conjunto de serviços para a melhoria do meio ambiente.

Ressalta que para que a agricultura venha a se colocar como a força motriz do desenvolvimento, é preciso levar em conta seu caráter multifuncional e promover os modelos de desenvolvimentos sustentáveis o que supõe:

- formalizar as complementaridades e as arbitragens entre as múltiplas funções da agricultura;
- promover tecnologias apropriadas;

- definir os mecanismos de mercados assim como os processos sociais e políticos (informação, participação democrática) valorizando as diferentes funções, segundo as prioridades que deverão estar coletivamente definidas;

- redefinir o papel do Estado ao lado do setor privado e da sociedade civil;

A partir dos dados, análises, considerações e propostas do autor acima citadas para a agricultura do mundo, consideramos que se trata de uma obra de informação e formação de grande interesse para profissionais e estudantes tanto das áreas técnicas como das ciências sociais que se interessam pelo tema “agricultura e sustentabilidade”.